



**José Marcos Ramos *Vital***

**P.S DO SEU  
*ROMEU ANÔNIMO***

**1º Edição**

## **Título Original**

P.S DO SEU ROMEU ANÔNIMO

## **Criação de Capas**

Capa produzida pelo serviço virtual do Canva e Clube de Autores

## **Autor**

VITAL, José Marcos Ramos

---

**ISBN 978-85-85330-14-9**

VITAL, José Marcos Ramos – 2018

P.S. DO SEU ROMEU ANÔNIMO

1º Edição na editora Clube de Autores

Todos os direitos reservados.

---

## Nota do Autor

Querido leitor!

A obra que irá ler em alguns instantes, inspirou-se de uma simples notícia no jornal e uma simples conversa. Terá poucos detalhes, na verdade, apenas o necessário. Mas, devo logo avisar que algumas ações tidas pelos personagens, pode ser explicadas nos outros livros que irá chegar.

***P.S DO SEU ROMEU ANÔNIMO*** é um livro simples. Mostrando a imagem de um jovem simples e romântico, cheio de sonhos e “com muito amor para dar”. Peço que quando começar a leitura, se veja como personagem no mundo fictício e no mundo real. Talvez possa rir junto com ele, possa chorar junto com ele, mas tente também sofrer junto com ele.

Muitos me perguntam em quais obras me inspirei também para criar esta obra. Estas foram: Cinquenta tons mais escuros, da E.L. James; Crepúsculo, de Stephenie Meyer; Romeu e Julieta, de William Shakespeare; Com amor, Simon, de Becky Albertall.

Escutei minha linda playlist (que você pode conferir nas últimas páginas da obra) e entrar ainda mais neste mundo maravilhoso.

Agora, peço que ajude o Abel a fazer as escolhas certas e o ajude a descobrir quem é seu romeu anônimo para finalmente chegar ao seu final feliz. Obrigado!

Boa leitura, vocês são incríveis!

***Um grande abraço,  
José Marcos R Vital***

*“Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro,  
pois barreira alguma conseguirá deter o amor o curso,  
tentando o amor tudo o que o amor realiza. Teus  
parentes, assim, não poderiam desviar-me do  
propósito.”*

**Romeu e Julieta**  
**William Shakespeare**  
**Ato II, Cena II**

## Prólogo

*Romeu, se estiver lendo este meu pequeno recado, me encontre no bosque das macieiras. Obrigado por tudo!*

*Abel*

Prendi fortemente o recado na porta da geladeira. Rapidamente, virei-me para a porta. Girei a maçaneta nervoso e saí ansioso e agitado. Os meus passos, na minha visão periférica, enxergavam em câmera lenta. Os sons ficaram mudos. As cores ficaram neutras, pinceladas no breu da noite, mas eu estava feliz.

A festa apresentou várias caixas pesadas, mas o presente que eu esperava ganhar era apenas conversar com ele – o meu amor, o meu romeu – que na maior das hipóteses, poderia estar muito bem arrumado usando uma linda máscara prateada, de uma cor misteriosa e mórfica – na minha festa naquele exato momento.

Minha força não era mais a mesma. O amor transformou minha ansiedade em velocidade, ainda escutava minha respiração ofegante. O vento frio ensopando meu lindo smoking. Não liguei, segui meu coração.

Os olhares deles mostravam as asas pálidas, e a espada de fogo, que está cravada ao poder

do selo do anjo ao paraíso perdido. Era divino. Era libertador. O amor é misterioso e sensível, contudo doloroso e depressivo.

Cheguei ao destino do nosso encontro. Os meus guias eram os sons arrepiantes dos relâmpagos juntamente com as luzes que eles projetavam naturalmente.

As trilhas eram perigosas. Em algum tempo, avistei uma silhueta masculina na pitangueira. Segui, até que misteriosamente caí. Uma forte dor de cabeça surgiu, meus olhos começaram a cegar e o meu único desejo resultante foi cair no chão, sentindo o sangue quente na minha testa, respirando profundamente. Fechei os olhos e ouvi meu nome como eco na minha cabeça. Só enxergava vultos cinzentos. Não obedeci minhas forças, apaguei sem explicações com a dor latejante na minha cabeça.

Quando abri os olhos, a luz do sol machucou minhas pupilas dormentes. A cama dura incomodou minhas costas. Os pequenos barulhos das máquinas hospitalares ao meu lado era enervante.

Quando deparei um jovem ali presente, notei suas roupas góticas esquisitas. Ele estava de costas.

– Quer conhecer seu romeu agora, meu amor?  
– perguntou ele. Sua voz era familiar. Era grossa, porém rouca.  
– Sim – respondi.  
Ele virou seu rosto. Fiquei boquiaberto com a estupefação.

## Capítulo Um

Um passo para as férias. Necessito de férias.

Estava com saudade de chutar meu caderno para debaixo da cama, respirar fundo e cair na cama com uma expressão de alívio interior. Não aguentava mais os trabalhos escolares e estudar loucamente para as provas e recuperações das ciências exatas. Assim, planejei passar o primeiro dia de férias – passar tomando sorvete de açaí com Larissa – sentei confortavelmente na cadeira da sala, rasguei duas folhas do meu caderno e comecei a fazer as listas. A primeira lista, escrevi todos os meios que poderia me divertir nestas férias, isso pode ser de: assistir filmes até tomar banho de piscina. A segunda lista, escrevi os convidados – apenas toda a escola – para minha grande festa de aniversário que seria daqui a alguns dias, organizadas pela minha linda mãe, que se chama Zuila Kelly.

Ser filho único tem suas vantagens e desvantagens, acredito que a única desvantagem é desde os meus dez anos de idade ser aniversariante das festas padrões de sempre. As malditas festas de modelo cara e luxuosa.



Antes era tão legal rever a família inteira. Convidar todo mundo, rasgar todos os presentes e torcer para que algum seja um computador portátil. Mas, nesta festa de dezoito anos seria bem mais interessante sair com os amigos e tentar algo mais jovem: beijar talvez, ou melhor, namorar. Algo que nunca aconteceu comigo.

Nunca entendi também a literatura da sexualidade da juventude, contudo, sempre fazia atos de adolescentes normais na puberdade: como se masturbar.

Conversar com os amigos, virtualmente, até nascer o dia era o tópico número um da lista de diversão. Me divertia conhecer pessoas novas.

Meu nome é Abel Fernandes. Sou um garoto simpático e feio – como alguns me chamam – com um nome simples e bíblico, magro e estudioso, feliz entre qualquer circunstância. Quando completei meus quatorze anos ganhei uma revista masculina norte-americana sobre atores adolescentes, onde percebi que uma boa pele, músculos e olhos atraentes fazia qualquer um se lamentar por não ter beijado ou “pegado” – igual a linguagem escolar do ensino médio. Sempre gostei de me cuidar a partir aos quinze anos, graças essa revista. Foi

nesse período que notei os músculos fracos. E também foi meu pedido intrigante para minha mãe para academia. Eu até achei legal no início, mas percebi que não tinha vocação para carregar aqueles pesos de deixar os músculos doloridos no outro dia. E assim foi minha linda história, com um final não satisfeito, da academia.

Desisti com sucesso.

A única pessoa verbalmente dita a testar a minha antiga ideia (academia), foi meu amigo Marcelo. Marcelo era magro, com lindos olhos castanho-claros, um cabelo ressecado de cor preta. A única coisa que destacava seu olhar era as olheiras, que mais pareciam hematomas quase curáveis. Após esta minha experiência passar, ele pensou em fazer, não por inveja, mais por conseguir ou conhecer pessoas mais facilmente, exclusivamente meninos.

Marcelo se assumiu para sua família como bissexual no natal do ano passado. Felizmente a família o acolheu de braços abertos. Marcelo era o garoto chamado “acessível” na escola. Nem alto, nem baixo, nem preto, nem branco, nem feio, nem bonito. Porém era chamado por alguns de *Garoto Perfeito*. Conheci ele no sétimo ano do Ensino Fundamental II – atualmente estamos no segundo ano do ensino médio. Ele

antes sempre desejou tirar minha virgindade de boca, contudo, eu sentia que ele não era a pessoa certa. Agradeço pelo menos, após a minha recusa, por nossa amizade ter existido e que seja até o fim, ele é legal. E agora me entende – que não era a pessoa certa.

Todos os dias quando me olho em frente ao espelho, vejo-me sem me desgastar, de me atijar para baixo. Compreendo-me ver a minha própria beleza, por isso nunca deixei o meu redor me derrubar. *Graças ao Pai que não tenho baixa autoestima*, sempre penso. Mesmo o meu rosto tendo cravos, espinhas, oleosidade excessiva, poros abertos e células mortas, eu era como qualquer outro adolescente. A parte mais linda que achava em mim eram meus olhos. Eram verdes, iguais as esmeraldas extraídas naturalmente, guardadas pelo ourives dentro de uma linda caixa de madeira. Que achava lindo a cor quando notava meu reflexo um pouco mais aprofundado. Sentir bonito não só pelos olhos, mas o mérito de beleza que apenas eu posso enxergar.

Minha felicidade nunca se manteve em uma balança psicológica.

Sou feliz por ser feliz; literalmente, deve ser o motivo por nunca ter namorado ninguém, talvez. Sempre fui ruim de pensamentos

amorosos, algo que pode machucar você só por senti-los – como todo mundo sente. Acredito a este tema: No amor, no triste fim para a separação, é melhor levar um corte com uma faca de churrasco, do que uma dor no coração romântico.

Sua vida vale mais do que um simples alguém, ou melhor, um aparente amor de alguém. Eu me amo hoje, amanhã e sempre será assim.

## Capítulo dois

Última semana de aulas.

Receberei meu boletim com as minhas últimas recuperações do segundo bimestre.

Finalmente, Deus.

Tomei meu bom banho de água quente. Utilizando meu shampoo anticaspa feito de algas marinhas e óleo de cupuaçu. Usei meu sabonete líquido na fragrância calmante de maracujá e camomila. Após a limpeza, vesti-me com a farda com o logotipo do estado de Pernambuco na frente. E usei meu hidratante com fragrância floral nos meus braços, barriga e pernas. Sempre cuidei da minha pele em todas as ocasiões possíveis.

– Verificação concluída com sucesso – respondi feliz, após conferir meu look universitário. Verifiquei também meus níveis de hidratação e perfumaria e sorri torto em frente ao espelho.

Puxei a mochila para as costas mantendo sempre a coluna ereta, levantei o rosto firmemente e segui rumo às ruas, predestinada a Escola pública Napoleão Bonaparte, ou por completo, para Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Napoleão Bonaparte. Antes de sair, lembrei-me dos meus fones de

ouvidos, que estavam guardados na gaveta da cômoda desde a semana passada. Os peguei e tomei caminho, ainda bem cedo aquela manhã. Eram apenas dez minutos de caminhada, da minha casa até a escola.

Nunca agora as coisas foram tão abaladas, portanto, agora normais: como o casal de idosos que sempre compravam bolos, pães e ovos na padaria próxima a Igreja Católica de Nossa Senhora da Saúde. As mulheres correndo com seus fones de ouvidos ativos enquanto fazem exercícios. O carteiro entregando os produtos na vizinhança.

Minha família morava em um bairro chamado de Princesa Isabel. Eram um bom bairro, as casas eram grandes e bem cuidadas; na frente delas, as decorações naturais de maior prestígio eram as árvores de Jatobá e Aroeira, grandes e verdes, os passarinhos e os macacos pequenos tinham um forte contato nelas. Parecia mais, em plano imaginário, que andávamos nas trilhas de um zoológico público. As árvores eram tão grandes que projetava grandes sombras sobre a estrada e as calçadas. Uma rua larga e limitada, com casas defronte uma com a outra, com os Jatobás e as Aroeiras – uma boa conexão ambiental. O chão não havia lixo ou esgoto, era

completamente asfaltada com projetos sanitários perfeitos.

Aumentei o volume no máximo.

Escutava a música *Yellow*, da banda *Coldplay*. A música bem calma e serena, completamente romântica e bela. Sentia saciar meu desejo amoroso da puberdade. Na qual era apenas sentir os lábios de alguém, ou melhor, meninos.

Assim que virei a esquina da biblioteca pública cheguei ao meu destino, no mesmo horário de sempre, às seis e vinte e oito da manhã; as aulas começavam às sete horas. Forçava esta lei de ir cedo para conversar mais tempo com minha amiga de todas as coisas. O nome dela é Larissa. Larissa é minha melhor amiga desde quando me mudei para a escola no Pernambuco. Ela tinha um belo sorriso, sempre estava com seu cabelo solto, obviamente grande e com toque castanho-claro. Sua pele era branca. Seus olhos eram castanho-escuros. Naquela fria manhã, ela usava seu casaco da *Minnie*, da marca Disney, juntamente com seu terno escolar. Aproximava de Larissa sem tirar meu olhar para ela.

Estávamos na área de lazer entre os estudantes. Um lugar aberto que parecia mais

um enorme ginásio para esportes. Era propriedade da escola. Os alunos eram permitidos para utilizar a internet sem fio da diretoria, comer seus lanches já tragos de casa, conversar ou ler seus livros. Naquela hora, graças aos céus, apenas era: Larissa, à área e eu. Sorri e caminhei até a entrada.

Após Larissa me observar, ela moveu sua força para o grande abraço de *bom dia*.

– Oi Abel. Pensei que não vinha hoje, já faz mais de vinte minutos a espera de amigos para conversar abertamente! – comentou ela, rodando seu fone de ouvido na mão direita. Assenti.

– Menina, calma! Cheguei agora – exclamei sorrindo na brincadeira, retirando a mochila das costas, senti um alívio assim que tirei.

– Perdoado. Hoje, quero começar o dia já perguntando uma coisa... ou melhor... duas coisas – prosseguiu Larissa.

– Minha vida servirá para te seguir, diga teus motivos que lhe te sufocam – repeti as palavras do teatro do ano passado, onde Larissa foi uma camponesa inglesa que sofria de amor; atuei igualmente a ela. Ela sorriu em maneira extrovertida. Sempre brinquei com as pessoas queridas do meu coração. Aquelas confiáveis,



podemos dizer. Larissa suspirou um pouco e continuou, agora mais calma nas palavras.

– Irei dizer os meus motivos agora – ela ergueu a sobrancelha fina, do lado esquerdo e sorriu maliciosamente.

– Diga – respondi, intrometendo um pouco nestes motivos. Esperava a resposta. Comecei a ofegar inexplicavelmente.

– Espera logo eu terminar de falar. Bom, primeiro, como está a lista de convidados para a festa? E segundo, soube da novidade da nossa sala? – seu rosto parecia arder de aflição, contudo, aflição de respostas.

Infelizmente minha mãe não tirou a ideia de *Cinquentas Tons mais escuros, da E L James*, da cabeça... Maldito livro – a música havia acabado. Empurrei o fone para debaixo dos meus livros dentro da mochila.

Minha mãe é doutora em Letras, ela ensinava em mais de cinco escolas, tanto públicas quanto privadas, assim que a trilogia de cinquenta tons foi trazida ao Brasil, minha querida mãe os comprou e os leu, resultando na grande paixão da trilogia; principalmente o segundo livro.

Neste marco da linha do tempo, colocou na cabeça que no meu próximo aniversário, seria uma festa de máscaras, parecendo o leilão de

caridade da família Grey, só que com o tema da minha festa de dezoito anos. Ninguém poderia mudar a sua imaginação quando fixava no psicológico. Sua teimosia agitava meus nervos. Pena para o meu ver, pois todo mundo gostou, só não o protagonista da festa.

– A lista ainda não está feita. Qual novidade?

– prossegui.

– Hoje será o primeiro dia de aula de um novato no nosso curso integrado!

– Quem? – perguntei, curioso.

– Eu ainda não sei. Mas, quem sabe ele não pode ser o seu Christian Grey? Para finalmente tirar essa sua virgindade de uma vez, e nem imagine que é apenas a virgindade de beijar. Não sei como podem existir jovens assim Abel, igual a você. E o pior é que esses doentes da puberdade são bonitos demais. Claro que alguns são héteros, os mais comuns são os homossexuais e os bissexuais. Concorda?

– Sem sombras de dúvidas. Larissa, os bissexuais não gostam dos dois? Porque você falou... Então, você entendeu!

– Gostam dos dois. Então ainda é da parte dos homossexuais, então fique calado. Estava pensando um esquema aqui, voltado a *tu Brutus!* – aquela maldita frase dito por Júlio César.

- Como assim? – hesitei e fingi ser o mais inocente possível.
- Vamos descobrir... informações podemos dizer... sobre este novato: se for bi ou homo, gruda com você. Se for hétero, gruda em mim. Pode ser? – perguntou Larissa mordendo os lábios. Eu não sabia nada sobre esse tal novato desconhecido: se era inteligente ou não, se era bonito ou feio, vaidoso ou humilde, rico ou pobre, ignorante ou simpático, qualquer coisa interessante. Larissa possuía um olhar com muita expectativa;
- Eu não sei Larissa... Nem conhecemos ele, vai se... sei lá, seja um psicopata, igual do livro *Boneco de Neve, do Jo Nesbo*. Pode acontecer! – tentei tirar a ideia maluca da cabeça de Larissa, porém, a teimosia predominava ela mais do que tudo. Minha mãe e ela eram difíceis de mudanças.
- Até parece Abel, um psicopata que faz bonecos de neves e tiram cabeças de mulheres – zombou ela – eu queria ser a psicopata dele e poder tirar a cabeça dele em todos os sentidos possíveis!
- Como você soube desse novato? – perguntei, analisando a origem dessa história.
- Eu não vou te contar agora. Mas você sabe... Quero te ajudar a perder este medo de

vez. Nenhum jovem, adolescente, homossexual, é boca virgem aos 17 anos de idade, por favor Abel.

Balancei a cabeça refletindo nos pensamentos das pessoas com os virgens. Nada demais um beijo. Poderia esquecer tudo e mentir para o mundo todo, exclusivamente para a sociedade jovem da escola; minha cabeça era mais ligada em abraços e conversas, nunca namoros, beijos e atos sexuais. Meu corpo pedia isso. Acontecia comigo novamente igual na fase das primeiras masturbações na minha suíte nas altas horas da noite – aqueles pensamentos estranhos e sensações estranhas.

As experiências de namoro era bem mais intensas comparadas a masturbação. Algumas vezes eram tão fortes que nem sentia algumas das minhas necessidades fisiológicas. Eu nunca havia contado nada sobre essas sensações a ninguém.

– Acho que é sempre bom ser uma categoria exclusiva – comentei, aceitando a crítica dela sobre mim.

– Mas calma, eu vou te ajudar – disse ela, me abraçando.

– Obrigado. Realmente preciso.

Larissa conversou um pouco mais sobre os trabalhos de geografia e história da semana que